

Santos Dumont visto por Cecília Meireles

Francisco Caruso

CBPF & UERJ

Superintendente de Difusão Científica da SECTI-RJ

A III Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, que aconteceu de 16 a 23 de outubro de 2006, prestou uma justíssima homenagem a Santos Dumont e ao centenário do vôo controlado do 14-bis nos céus de Paris. Com muita propriedade, esta Semana tem como tema geral a *criatividade* e a *inovação*. De fato, pouquíssimos brasileiros poderiam ter sua imagem associada de forma tão apropriada e tão marcante a essas duas características essenciais ao desenvolvimento científico e tecnológico. Do ponto de vista prático, foi notável a influência do avião no século XX; do ponto de vista de um antigo sonho do homem – o de voar – Santos Dumont deu concretude ao sonho de Ícaro, agora de forma controlada. Uma invenção que inegavelmente deu asas a outros sonhos da humanidade. E o sonho é outro ingrediente sem o qual o cientista ou o inventor não consegue trabalhar.

Outro aspecto importante, principalmente para os jovens, é seu exemplo de conquista através de um trabalho árduo, dedicado e incansável. Com muita perseverância, através de uma série de ensaios e erros, Santos Dumont inova e controla o vôo do mais pesado do que o ar.

É sobre este pano de fundo que a população brasileira vai ter a oportunidade, durante uma semana, de tomar conhecimento do estado da arte da ciência e da tecnologia brasileiras, ao mesmo tempo em que poderá rever ou ver pela primeira vez experimentos e idéias que deram outros rumos à Ciência no passado; não só através da mídia, mas em “carne e osso”, em contato direto com os pesquisadores. Talvez ninguém tenha compreendido o significado, a beleza e a relevância deste momento de troca quanto nossa saudosa Cecília Meireles e, não por acaso, inspirando-se em um gesto “simples” de Santos Dumont, que ficou num canto da História, mas que ela immortalizou nas páginas do *Diário de Notícias* de 7 de agosto de 1932. Vale a pena recordar.

Trata-se de um comentário muito especial sobre o convite feito pelo pai da aviação a uma criança, em um de seus primeiros vôos, para que voasse com ele. Ou melhor, sobre o fato de ele efetivamente ter levado a criança em seu vôo. Este ato que poderia ter sido considerado por muitos como altamente irresponsável, aos olhos sensíveis da poeta, foi percebido como um gesto de uma sensibilidade incomum, que “só os grandes homens sabem ter pelos habitantes da vida...”. E acrescenta: “Nunca teria sido a aviação uma conquista mais maravilhosa que nesse instante, quando o homem de gênio, que a realizara, embalado ainda na imaginação de Júlio Verne, a oferecia a uma criança, como um brinquedo encantado...”. É, na verdade, a possibilidade de ver seu sonho brilhar nos olhos de

uma criança que teria sido o grande momento de Santos Dumont, imagina Cecília Meireles. E quem poderá imaginar em quantos olhos “ainda impregnados da eternidade” poderá florir o interesse pela Ciência?